

A (RES)SIGNIFICAÇÃO DE ESTIGMAS NA CANÇÃO BIXA PRETA: OS NÃO LINGUISTAS E OS EMBATES DISCURSIVOS

THE RESIGNIFICATION OF STIGMAS IN THE SONG BIXA PRETA: NON LINGUISTS AND SOME DISCURSIVE CONFLICTS

Débora Helen Oliveira¹

Universidade Federal de São Carlos

Lívia Maria Falconi Pires²

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: A Linguística popular considera a atuação dos não linguistas na mobilização de saberes linguísticos em suas práticas linguísticas. Assim, a partir dos estudos da Linguística Popular entrelaçada aos estudos do discurso analisamos a canção “Bixa Preta” composta e performada pela artista Mc Linn da Quebrada. Na canção, há uma mobilização de termos vistos na sociedade com sentido estigmatizado, tais sentidos geram estigma entre os indivíduos e corroboram a caracterização de algo pejorativo e, ao mesmo tempo, transgressor àquele que se dirige. Assim, na canção, tal mobilização transgressora das normas e dos sentidos pré-estabelecidos, produz efeitos de sentidos distintos dos estereotipados marcando assim um movimento de resistência dos corpos e ações. Na exposição deste trabalho, refletimos sobre a inscrição da palavra como mecanismo de empoderamento, seja do corpo, da performance e do público a que se destina, o que permite uma ressignificação do termo, além disso traz reflexões para o pensamento científico da linguagem sobre o seu uso e compreensão, na tentativa de um olhar antieliminativo do saber popular, dito folk.

Palavras-chave: Linguística popular; Discurso; Canção; Ressignificação

Abstract: Folk linguistics considers the role of non-linguists in the field of mobilizing linguistic knowledge in their practices. Therefore, from the theoretical overview of studies related to the folk linguistics on the discourse perspective, we will analyze the song “Bixa Preta” composed and performed by the artist Mc Linn da Quebrada. In the song, there are some terms which could be seen as negative meanings concerning their usage in social life, and then, it ends up approaching these words in a pejorative and transgressive way to the ones who could be addressed to. Thus, in the song, there is some transgressive mobilization of predetermined norms and meanings which produces some meanings that are different from the stereotyped ones, and then, the social bodies and social actions could be marked clearly. In the exposition of this analytical work, we will deal with an inscription of the word as an useful tool to empower the body, the performance and the audience who could be addressed to, and allowing the redefinition of the terms, in addition to the fact it will bring some reflections for the scientific way of thinking concerning the language use and understanding social process, in an attempt to take an acceptable look at folk knowledge, also known as folk linguistic.

¹ Mestranda do PPGL- UFSCar, bolsista Capes. E mail: deborahelen.oliveira@gmail.com.

² Docente do Centro Universitário Central Paulista-UNICEP- e pós- doutoranda do departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos. E mai: liviampires@yahoo.com.br.

Keywords: Popular linguistics; Discourse; Song; Resignification.

“Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo... Olham para os nossos corpos nos diminuindo, investigam se debaixo do turbante tem droga ou piolho, negam a nossa existência. (Marielle Franco, em entrevista ao site de notícias Brasil de Fato durante a Jornada de lutas das mulheres, em março de 2017.)

Introdução

Na busca pelo entendimento das percepções sobre a língua como um dos seus objetos de interesse, Preston e Niedzielski (2003), no livro intitulado “Folk Linguistics”, abordam uma proposta de enfatizar a configuração e integração de saberes profanos ou populares para um saber científico, trazendo à luz outro lugar de fazer linguístico, aquele das pessoas comuns, populares ou, como denomina Paveau (2021) dos não-linguistas.

É na esteira de Paveau e de seu questionamento sobre se “Não linguistas fazem linguística?” (PAVEAU, 2021, p. 27) que iniciamos a proposta desse artigo. Antecipando as incertezas sobre nosso lugar institucionalizado como linguistas, questionamos neste texto se apenas nós, no local de fala referente, detemos a capacidade de produzir saberes legitimados sobre o funcionamento da língua. Na esteira do olhar antieliminativo da pesquisadora Marie-Anne Paveau sobre os saberes populares, consideramos que o saber folk ou popular pode ser integrado ao pensamento científico da linguagem, uma vez que colabora com as convicções de locutores a respeito de sua produção linguística no social, ora para o estabelecimento dessas ideias, ora para sua transformação. De acordo com a autora,

[...] as informações geradas em práticas disciplinares folk são plenamente integráveis à análise linguística. A linguística folk possui, com efeito, uma validade de ordem prática e representacional, e deve, por isso, ser considerada pela linguística científica como uma reserva de dados que nenhum linguista profissional consegue reunir com o auxílio dos métodos ditos ‘científicos’ (PAVEAU, 2021, p. 42).

A identificação dos sujeitos produtores dos saberes populares se apresenta como uma das mais difíceis tarefas no âmbito da teoria folk e Paveau (2018), nesta direção, faz menção a alguns papéis representacionais e significativos destes saberes que se propõem como *militantes, falantes engajados, ensaístas, editores, jornalistas, logófilos, glossomaníacos, ludolinguistas, linguistas amadores, cientistas não linguistas e falantes*

comuns. Essas posições assim categorizadas estabelecem a possibilidade da detenção de um saber sobre a linguagem oriunda de práticas sociais.

Segundo Baronas (2021)³, a Linguística Popular/*Folk linguistics* designa as práticas linguísticas espontaneamente construídas pelos mais diversos sujeitos, que não estão necessariamente fundamentados na lógica de uma teoria da linguagem. Como definem N. Niedzielski e D. Preston (2000) a denominação Folk/Popular se refere, apenas, aqueles que não são profissionais, linguistas, pesquisadores da linguagem e não se refere ao inculto, ignorante, atrasado. O termo Folk/Popular se refere aos sujeitos, ou melhor, às mobilizações sobre a língua produzidas pelos não-linguistas, os saberes populares que, segundo Niedzielski e Preston (2000) contribuem para a constituição dos saberes científicos.

Com Paveau (2018), compreendemos que as abordagens científica e popular são anti-eliminativas, assim, a Linguística Popular não se coloca em oposição à linguística acadêmica, sendo possível integrá-la em um estudo científico da linguagem. Conforme Paveau (2018, p. 28), “os enunciados populares não são necessariamente crenças falsas a serem eliminadas da ciência. Constituem ao contrário saberes perceptivos, subjetivos e incompletos a serem integrados aos dados científicos da linguística”. Nesse sentido, segundo Baronas (2021, p. 1):

o traço que distingue a Linguística Popular/*Folk linguistics* de outras perspectivas teóricas que se debruçam sobre o objeto língua é justamente a possibilidade de compreender *como e por que* os discursos que dizem da língua afetam a própria língua, enquanto objeto de conhecimento. Quando nos referimos aos discursos que dizem de língua não estamos pensando somente nos discursos morais sobre a língua, os prescritivos, por exemplo, mas, sobretudo, a práticas descritivas, intervencionistas e militantes.

Assim, é na esteira da Linguística Popular com seu entrelaçamento com a Análise do Discurso que analisaremos a mobilização de termos encontrados na canção *Bixa Preta*, da artista Mc. Linn da Quebrada, vistos em geral e em seu uso cotidiano, como sentidos operantes de estigma entre os indivíduos na sociedade.

³BARONAS, R. L. Plano de Trabalho do GT de Linguística Popular da ANPOLL. Londrina, PR: 2021 (no prelo para a publicação).

1. A militância *folk*

No texto intitulado “Novas proposições sobre a linguística popular: metadiscursos militantes e crianças-linguistas”⁴ que foi produzido por ocasião da abertura do primeiro Seminário de Linguística Popular (SIELIPop) em 2020, Paveau desenvolve um pouco mais os papéis representacionais o quais denomina de tipologia dos não-linguistas, elencando categorias como: *cientistas não linguistas; linguistas amadores; militantes; logófilos, glossomaníacos; corretores-revisores-redatores/corretoras-revisoras-redatoras; escritores(as); ensaístas; crianças; ludo- s; oradores/locutores.*

Dessa categorização desenvolvida por Paveau (2021) nos interessa, fortemente, o que ela denomina de não-linguistas militantes. Para nós, tal categoria possui subcategorias e, também, ramificações. Concordamos com a autora quando ela pontua que militantes mobilizam a linguística popular. Dessa maneira, a pesquisadora afirma que:

os/as militantes, que quase sempre integram no seu ativismo uma reflexão sobre as palavras e o uso da linguagem em geral, são verdadeiros linguistas profanos, como mostram, por exemplo, as dezenas de definições, léxicos, minidicionários ou wikis⁵ (colaborativas) que estão listados online (Paveau, 2021, p. 9).

Neste artigo, de um lado, temos como base a Linguística Popular, que se ocupa dos saberes profanos, oriundos de identidades de falantes comuns, consideramos os falantes na militância ou engajados, portanto, aqueles que não se enquadram em uma esfera institucional do saber científico linguístico, mas que refletem sobre o papel militante dos usos linguísticos. De outro, consideramos o dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso, que busca compreender o funcionamento dos discursos a partir de formações discursivas e ideológicas que, ao (re)produzirem dizeres e saberes circulantes em diferentes espaços, podem se ressignificar a partir das posições assumidas e demarcadas.

Articulando, portanto Linguística Popular e Análise do Discurso propomos a discussão do texto escolhido para a análise, a canção *Bixa preta*⁶, a fim de entender

⁴ Recentemente traduzido e publicado na obra PAVEAU, Marie-Anne. Novas proposições sobre a linguística popular: metadiscursos militantes e crianças-linguistas. Tradução de Livia M. Falconi Pires e Roberto Baronas) In: BARONAS. R. L.; COX, M.I. P.(orgs). Linguística popular/folk linguistics: práticas, proposições e polêmicas homenagem a Amadeu Amaral. Pontes, Campinas, 2021.

⁵ Nota do tradutor- Páginas web que permitem que usuários façam modificações.

⁶ Link da canção: <https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>

como o(s) sujeito(s) e o(s) sentido(s) se ressignificam e se legitimam como prática discursiva, defendem lugares sociais e assumem a forma de resistência, a partir das posições ideológicas assumidas. Trabalharemos aqui a posição emergente de indivíduos atuantes na militância social, ou como a própria autora francesa sugere, “falantes engajados, militantes ou apaixonados, juristas em suas práticas textuais e orais, centrados na descrição e na intervenção” (PAVEAU, 2021, p. 30), posições estas que se inscrevem na canção que configura o *objeto* deste artigo.

1.1A canção na militância como saber “folk”

Para Maingueneau (2002),

“em todo posicionamento, ao lado de investimentos em tais ou tais gêneros do interdiscurso, há também o investimento da interlíngua, por meio do qual uma obra se inscreve no espaço das práticas languageiras e dos idiomas. Trata-se de um duplo investimento: entrada num espaço que se pretende ocupar e atribuição de valor” (MAINGUENEAU, 2020, p. 23).

Para o autor, uma vez que o objeto aludido circula na sociedade, pode se considerar um fato discursivo, o que gera não somente efeitos de sentido contemplados em diversos gestos interpretativos em posições sujeitos, mas também posicionamentos dos locutores em relação a produção linguística.

No objeto de interesse dessa pesquisa, percebe-se um posicionamento discursivo dos autores produtores da canção *Bixa Preta*, que se (re)utilizam dos elementos linguísticos encontrados na canção para mobilização de bandeiras de luta de grupos específicos sociais que se configuram não apenas na reivindicação de seus direitos (Bagno, 2017), como também de suas existências, de suas representações identitárias e dá visibilidade a essas pessoas, consideradas pela ideologia opressora como retratos inadequados em outros meios.

Na análise, a canção é mobilizada a partir dessas posições sociais (ou posicionamentos, segundo Maingueneau, (2002) não institucionalizados e que circulam provocando reflexões sobre o uso da língua(gem) no social. Por que estas práticas não institucionalizadas? Os diferentes efeitos de sentido, carregados de valores ideológicos, derivam do fato de que estes atores sociais (no caso uma cantora, negra e mulher trans) não ligados aos sujeitos detentores e produtores do saber linguístico e científico, mas que circulam seja na mídia, jornais, redes sociais, redes de comunicação e etc., detêm

certa capacidade de transformação reflexiva linguística social, seja em sua filosofia como modo de vida, ou em sua atuação ou pela ressignificação de certos termos, vistos como estigmatizados pela ideologia dominante, propondo a modificação desses valores com o objetivo de transformá-los, de acordo com Paveau (2019, p.45), “em uma marca de identidade capacitadora”.

Exemplos de termos como bicha, preto, ou viado, são palavras resultantes desse processo de ressignificação, ora usados como estigmas, (re)produtores de ofensas e sentidos prejudiciais em seus valores axiológicos, ora usados em um contexto militante como elementos lexicais carregados de orgulho e seu sentido de resistência, resultantes desse processo em que valores são reapropriados e produzem diferentes gestos interpretativos gerados por falantes determinados a partir de formações ideológicas outras, que no caso da canção, se reconfiguram em práticas de combate às opressões ligadas ao gênero.

Para Pêcheux (1997), na disputa ideológica de sentido, os sujeitos se configuram a partir de certos lugares, falam de determinados lugares sociais, e assim permitem que os discursos, sujeitos e sentidos possam se (re)significar a partir dos espaços demarcados, dessa forma, percorrem processos de ressignificação de elementos de língua(gem), que ao serem sustentados por formações ideológicas, ora dominantes, ora dominadas, manifestam os sentidos cruzados e articulados a partir de redes de memória e da presença do interdiscurso.

2. Apontamentos sobre o processo de ressignificação

Neste processo de ressignificação, conforme Paveau (2019a), no qual as possibilidades de outros dizerem se configuram, nota-se a eminência do político, pois a produção de efeitos sobre as posições dos sujeitos se apresenta como um processo linguístico, discursivo e político: linguístico porque esta noção se baseia em uma concepção contextual de significado e dependente de lugares sociais do sujeito, e não inscritos em um conjunto de características semânticas inerentes, discursivo uma vez que se formula a partir de re-enunciação de um termo injurioso, que abre possibilidades de uma forma inédita, e enfim, político no sentido de que o sujeito, ao invés de se deixar atribuir, produz uma resposta discursiva.

Como pontua Costa (2021) na esteira dos estudos de Paveau (2019, 2019a)

“O conceito de ressignificação discursiva se interessa em pensar as relações de poder a partir exclusivamente da perspectiva das coletividades minorizadas, refletindo sobre a capacidade delas de também reivindicar a linguagem como poderoso recurso de defesa.”(LOURENÇO,2021,p.14)

Ainda na esteira de Paveau (2019, 2019a) tomamos a ressignificação, então, como processo discursivo que carrega uma forte dimensão política. Para que a ressignificação se concretize, a mobilização do léxico precisa se dar em um lugar oposto do anteriormente estabilizado. É preciso que o sentido estabilizado anteriormente seja ofensivo e que a mobilização ressignificada produza uma inversão desses valores axiológicos.

Dessa maneira, nosso objeto de análise nos permite demonstrar esse movimento, já que temos *bicha preta* funcionando de maneira contrária ao seu sentido estereotipado e estabilizado e cumprindo os critérios propostos por Paveau (2019 e 2021) e listados aqui.

- 1- critério pragmático: existe uma ferida languageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque, etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo;
- 2- critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida;
- 3-. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como auto-categorização, ou ele provoca uma simples recontextualização;
- 4-. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;
- 5- critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela "abertura a contextos desconhecidos" (Butler, 2005, p.234);
- 6- critério sócio-semântico: o uso recontextualizado do elemento languageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo. (PAVEAU,2019, p.12)

A ressignificação, prática linguística é um gesto de resistência, de militância dos sujeitos comuns e por isso dialoga com a perspectiva da linguística popular.

2.1 Os sentidos circulantes e a mobilização da língua

Como já exposto, as propostas da Linguística Popular partem de uma posição integracionista a respeito das produções de linguistas não institucionalizados, ou não linguistas e da incorporação dessas produções às ciências da linguagem. Na configuração de parâmetros sobre os contextos excludentes da sociedade brasileira e que reverberam preconceito e segregação, a canção *Bixa Preta* situa-se num campo que busca potencializar denúncias sociais, apresentando um eu-lírico da canção inferiorizado e diminuído por sua sexualidade e cor. Porém, observa-se por meio desta análise, uma ressignificação de efeitos de sentido marcado na materialidade linguística o que suscita a possibilidade do empoderamento do corpo negro, travesti/transsexual e de periferia.

Lina Pereira, mais conhecida como Linn da Quebrada, nasceu em São Paulo, 18 de julho de 1990 e é uma atriz, cantora e compositora brasileira. Também é ativista social pelos direitos civis da comunidade LGBTQIA+ e da população negra. Linn inovou ao destoar do estereótipo de travesti, assumindo sua transexualidade apenas modificando sua identidade de gênero e seu nome no registro civil, sem realizar transição hormonal. Ela está entre as artistas mais relevantes do cenário musical LGBTQIA+ brasileiro atual. Ela ascendeu devido a esse reconhecimento e pelo choque de culturas que promove, abordando tabus e desconstruindo estereótipos com o seu estilo mordaz e sarcástico de performar quer seja como atriz quer seja como cantora.

Para Pêcheux (1997), as formações discursivas detém o lugar de construção de sentidos, configurando os dizeres em uma dada conjuntura social. Portanto, apresentaremos, como forma de demonstração dos sentidos circulantes, ditos já estabilizados sobre os termos abaixo, os quais circulam na sociedade e carregam sentidos, em sua maioria, estigmatizados e materializados com carga negativa em dicionários.

As manchetes elencadas demonstram o sentido pejorativo estabilizado de termos como *preto/a* e *bicha*.

“Bicha!”, o grito homofóbico da torcida que o time do Rio Claro quer banir

Vice-líder da segunda divisão paulista levanta bandeira contra o hábito de torcedores. Prática em jogo da seleção já resultou em multas à CBF

Manchete retirada na rede⁷

Entregador é vítima de racismo: ‘Esse preto não vai entrar no prédio’

“Mandar outro motoboy que seja branco”, escreveu a cliente. O caso foi denunciado à polícia pela vítima e pela gerente da Hamburgueria

Manchete retira da rede⁸

Apresentamos aqui algumas estrofes da letra (parte da canção que nos importa para esse presente trabalho) de *Bicha Preta* composta e interpretada por Mc. Linn da Quebrada, destacando os trechos nos quais nos debruçamos mais fortemente. É pertinente assinalar que a mobilização de tal materialidade se dá pelo fato da canção se colocar como lugar distinto da circulação do enunciado ofensivo (critério 5, PAVEAU,2019)⁹ se contrapondo com o sentido que circula cotidianamente no Brasil e aqui exemplificado pelos manchetes retirados da rede.

Com base na estrofe apresentada a seguir, é possível assinalar que podemos permitir a mobilização da teoria folk, como uma teoria da prática, de um saber profano como uma possível utilidade aos usuários daquela produção linguística, em uma tentativa de reflexão e transformação da sociedade vigente. A cantora, Mc Linn da Quebrada, mobiliza termos estigmatizados na sociedade, e os reutiliza em expressões referentes ao público negro, homossexual e travesti/transsexual, como um potencializador de identidades, seja a identidade de gênero, identidade geográfica e de raça. É possível dizer que se cumpre o critério enunciativo (critério 3, PAVEAU,2019), uma vez que há uma retomada do enunciado ofensivo e uma recontextualização.

⁷Manchete 1: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/30/deportes/1490911021_319029.html

⁸ Manchete 5: <https://catracalivre.com.br/cidadania/entregador-e-vitima-de-racismo-esse-preto-nao-vai-entrar-no-predio/>

⁹ Marcação referente aos critérios descritos na seção 2.0

Aqui há uma apresentação do discurso em sentido pejorativo e estereotipado materializado na mobilização dos termos (*bixa estranha, louca, preta, da favela*) discurso corroborada na segunda estrofe que faz menção a humilhação sofrida (*todos riem da cara dela*) aqui temos o critério pragmático (critério 1, PAVEAU, 2019). Porém, já nessa estrofe, há o anúncio da transgressão do sentido, uma inversão, uma mudança semântica (critério 4, PAVEAU, 2019), uma desconstrução (*Senta e observa a tua destruição*) do que outrora estava estabilizado no estereótipo pejorativo, assim produzindo uma resposta ao enunciado ofensivo (critério 2, PAVEAU, 2019).

Bixa estranha, louca, preta, da favela

Quando ela tá passando, todos riem da cara dela

Mas se liga, macho

Presta muita atenção

Senta e observa a tua destruição

Debruçando-nos sobre as estrofes seguintes é possível constatar a presença de gestos interpretativos contrários ao imposto pela utilização de sentido do opressor ao oprimido, o que permite o processo marcado pela mobilização dos termos, e ressignifica-se enunciados ofensivos, à procura de uma visibilidade empoderada de suas identidades, e a reflexão e utilização desses termos para a sociedade por meio da produção linguística.

Nas estrofes a seguir, o pronome de primeira pessoa (*eu*) marcador do sujeito e o verbo ser (*sou*) e os possessivos *minha/meu* funcionam como promotores do efeito de pertencimento, juntamente, com a mobilização dos termos então pejorativos (*bixa louca, preta, favelada*) produzem a ressignificação, e também o efeito de empoderamento¹⁰. Os termos enfatizados pelo texto produzem um sentido de enaltecimento das posições nas quais o sujeito se inscreve, corroborado pela frase seguinte (*e ninguém mais vai dar risada*).

¹⁰ “Diferentemente do que propuseram muitos de seus teóricos, o conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social e não se propõe a “viciar” ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários” (BERTH, 2019.p.18).

Nas estrofes apresentadas temos o **viadagem** funcionando como complemento do verbo **envaidece**, estrutura que dá continuidade ao processo de ressignificação e a afirmação do sentido de empoderamento¹¹.

Que eu sou uma bixa louca, preta, favelada

Quicando eu vou passar

E ninguém mais vai dar risada

Se tu for esperto, pode logo perceber

Que eu já não tô pra brincadeira

Eu vou botar é pra fuder

A minha pele preta é meu manto de coragem

(...) **Envaidece a viadagem**

Vai desce, desce, desce, desce

Desce a viadagem

A partir dos termos selecionados, nota-se o uso desses termos para além do ato de excluir e marginalizar, mas também de um posicionamento como um efeito de resistência, que se configura ideologicamente em um ideal de luta por meio do discurso. Para Paveau (2019), esse processo de reapropriação se conceitua em um processo de ressignificação, pois permite a resposta, “como uma repetição na linguagem que impõe mudança”¹² (p. 252). Esse processo de ressignificação se reflete em um processo linguístico, além de discursivo e político.

Para Maingueneau (2002), os fatos discursivos não apenas manifestam usos diversos sobre a língua, mas, especialmente manifestam os posicionamentos desses usuários, dos locutores frente ao uso linguístico. A canção *Bixa Preta*, de Mc Linn da Quebrada, reflete, portanto sobre esse posicionamento discursivo desses autores sociais frente a esses termos estigmatizantes na circulação social, evidenciando que a língua não se configura como algo exterior ou posterior ao que se postula em questão do dizer, mas constitutiva desses dizeres.

Neste processo discursivo, a canção escolhida como objeto deste artigo busca, a partir desse posicionamento ideológico na sociedade, a reflexão desse uso linguístico legitimado e operante em uma aceitação subjetiva a partir de efeitos de empoderamento,

¹¹ Não é nosso objetivo mobilizar exaustivamente os aspectos teóricos do conceito, mas, aplicá-lo em nossa análise do lugar da linguística e do discurso.

¹² Tradução nossa.

em ideais de luta e práticas de resistência, a partir de seus corpos, de suas performances e identidades, e, sobretudo, na reflexão de sua produção linguística.

É possível assinalar que *bixa preta* e *viadagem* funcionam, então, de maneira contrária aos sentidos estereotipados, transgredindo e materializando a resistência e a luta de grupos invisibilizados e marginalizados, conforme o critério 6 de Paveau (2019) e, também, é possível assinalar que é justamente nesse movimento ressignificação que está o fazer linguístico emancipatório (PAVEAU, 2021).

Considerações Finais

Apresentamos neste texto apenas uma pequena análise que nos permitiu dizer algumas palavras sobre a Linguística Popular e seu entrelaçamento com os estudos do discurso. O pequeno corpus analisado - a canção *Bixa Preta* -, foi compreendido como um instrumento de denúncia, que carrega os valores de uma dada época.¹³ Nele, observamos marcas que rompem com ideais que se padronizaram culturalmente e assim contribuem com a reflexão sobre a mobilização linguística feita por não linguistas a partir de termos que possibilitam o empoderamento dos corpos e das práticas de resistência das coletividades na canção inscrita. Assim temos aqui um movimento de fazer linguístico, na esteira de Paveau 2021, uma prática emancipatória e militante.

Dessa maneira, para além da luta discursiva que aí se materializa, há também uma mobilização da materialidade linguística que produz interferências no que outrora fora estabilizado. Exatamente pelo movimento de tomar para si termos que apresentam efeitos de sentidos pejorativos estabilizados e produzir sua ressignificação, com efeitos de sentidos de empoderamento.

Demonstra-se, assim, que os fazeres linguísticos dos não linguistas são concretizados nos entremeios dos discursos, nos movimentos que promovem para ocupar determinadas posições, acima de tudo, se emanciparem e marcarem lugares de empoderamento.

Referências

¹³ Referencia-se aqui o texto “A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade” de Sophie Moirand traduzido por Fernando Curti Gibin e Júlia Lourenço Costa e publicado na revista *Linguagem* no ano de 2020.

BARONAS, R. L. **Plano de Trabalho do GT de Linguística Popular da ANPOLL**. Londrina, PR: 2021 (no prelo para a publicação);

BARONAS, Roberto Leiser; GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros; SANTOS, Júlio Antonio Bonatti. (org.). **Linguística popular: contribuições às ciências da linguagem**. Araraquara: Letraria, 2021;

BARONAS, R. L.; COX, M.I. P.(orgs). **Linguística popular/folk linguistics: práticas, proposições e polêmicas homenagem a Amadeu Amaral**. Pontes, Campinas, 2021.

BERTH, Joice. **Empoderamento** (Feminismos Plurais, coord. Djamilia Ribeiro) Sueli Carneiro ; Pólen. São Paulo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012;

COSTA, Julia (2021). **Da ferida linguística à resignificação discursiva a bruxa e os feminismos no Brasil**. Cadernos de Linguística, v. 2, n. 1, e355;

MAINGUENEAU, D. **Discours, intertextualité, interlangue**. Champs du signe, n. 13/14;

MOIRAND, Sophie. **A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade**. Tradutores Fernando Curti Gibin & Julia Lourenço Costa. revista Linguagem, São Carlos, v.36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41;

PAVEAU, M-A. **Linguística folk: uma introdução**. Araraquara, SP: Letraria, 2020;

_____ **La blessure et la salamandre. Théorie de la resignification discursive**. IN: Stigmatiser : normes sociales et pratiques médiatiques. Actes du colloque du CARISM, online sur HAL, 2019. <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02003667>.

_____ **“La resignification. Pratiques technodiscursives de répétition subversive sur le web relationnel”**. Langage et Société, Maison des Sciences de L’homme Paris, 2019a, Discours numériques natifs. Des relations sociolangagières connectées;

_____ **“Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares”**. Revista Policromias, UFRJ, 2018;

_____ **Novas proposições sobre a linguística popular: metadiscursos militantes e crianças-linguistas**. Tradução de Livia M. Falconi Pires e Roberto Baronas) In: BARONAS, R. L.; COX, M.I. P.(orgs). Linguística popular/folk linguistics: práticas, proposições e polêmicas homenagem a Amadeu Amaral. Ed. Pontes, Campinas, 2021.

PRESTON, D.; NIEDZIELSKI, N. **Folk Linguistics. With a new preface**. Berlin, New York: Mouton De Gruyter, 2003 [2000].